

» Entrevista | **NELSON TRAD** | PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES DO SENADO

“Soberania também é diálogo”

Parlamentar defende mais negociação e menos gritaria neste momento delicado da relação entre Brasil e Estados Unidos

» ALÍCIA BERNARDES

O anúncio de novas tarifas comerciais sobre produtos brasileiros pelos Estados Unidos reacendeu as preocupações do governo, do setor produtivo e do Congresso Nacional. Após a surpresa inicial, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva comandou uma ampla reação em defesa da soberania nacional e bordões como “O Pix é do Brasil”. À frente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) do Senado, Nelsinho Trad (PSD-MS) tem defendido que o Brasil priorize a negociação e os canais diplomáticos antes de recorrer a medidas de retaliação. Em entrevista ao **Correio**, o senador afirma que o país precisa aproveitar o período de consultas públicas aberto nos Estados Unidos para apresentar argumentos técnicos. Uma reunião está prevista para 6 de julho, segundo informou o governo norte-americano. O presidente da CRE não descarta uma nova missão parlamentar a Washington e diz que temas como o Pix e a soberania nacional devem ser tratados com responsabilidade, longe da disputa eleitoral. Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

Como o Brasil pode tentar evitar o iminente aumento de tarifa anunciado pelos Estados Unidos?

O primeiro caminho é usar a etapa que ainda está aberta nos Estados Unidos: consulta pública, audiência e apresentação de argumentos. O prazo é curto, então não dá para vender solução fácil. Mas o Brasil precisa ocupar esse espaço. Também precisamos acionar o

setor produtivo, o Itamaraty, os canais diplomáticos e os canais parlamentares que já foram abertos no ano passado. A ideia é tentar reduzir impactos, ampliar exceções e mostrar onde a medida pode prejudicar não só empresas brasileiras, mas também cadeias produtivas e consumidores americanos.

Uma nova missão do Senado aos Estados Unidos está no radar?

A missão não está descartada, mas ela precisa ter sentido. Não se faz missão por gesto político. Ela precisa ter objetivo claro. Primeiro, precisamos entender quais setores serão mais afetados e qual é a posição dos membros da CRE. Se ficar claro que uma ida a Washington pode ajudar a abrir portas, conversar com parlamentares americanos, apresentar preocupações brasileiras e diminuir impactos, esse caminho poderá ser usado novamente. Foi assim no ano passado, quando a missão do Senado ajudou a reabrir canais de diálogo em um momento de tensão.

Há relação entre as articulações da família Bolsonaro com Donald Trump e o endurecimento da posição americana?

Eu não quero personalizar esse debate. O que está em jogo é maior do que disputa política interna. Estamos falando de comércio exterior, empresas, empregos, exportações e relação entre dois países importantes. A CRE vai tratar esse tema de forma institucional. Vamos conversar com quem puder ajudar o Brasil, independentemente de partido ou posição política. O Brasil não pode

Waldemir Barreto/Agência Senado



transformar uma questão dessa dimensão em torcida.

Como o senhor avalia a inclusão do Pix no relatório dos Estados Unidos?

O Pix é hoje parte da vida do brasileiro. Ele facilitou pagamento, reduziu custo e deu acesso a muita gente que antes tinha dificuldade com serviços bancários. Então é natural que qualquer questionamento externo sobre o Pix precise ser olhado com muita atenção. O Brasil deve explicar tecnicamente o funcionamento do sistema e

defender aquilo que é importante para sua economia e para sua população. Cooperação internacional, sim. Mas decisões sobre instrumentos centrais da economia brasileira precisam respeitar a realidade e a soberania do país.

Quando a Lei da Reciprocidade deve entrar em cena?

A Lei da Reciprocidade é um instrumento legítimo do Brasil. Mas ela precisa ser usada com responsabilidade. Antes de qualquer medida mais dura, o Brasil precisa esgotar os caminhos de diálogo,

consulta pública, audiência, negociação técnica e diplomacia parlamentar. Se, depois disso, ficar claro que não houve espaço para entendimento e que setores brasileiros foram prejudicados de forma injusta, aí o país terá que avaliar seus instrumentos de defesa. O limite é não transformar uma defesa legítima em uma escalada que acabe prejudicando ainda mais empresas, trabalhadores e consumidores brasileiros.

O tarifaço pode ser contaminado pela polarização eleitoral?

Esse risco existe. Por isso mesmo é preciso cuidado. A relação entre Brasil e Estados Unidos não pode ser tratada como palanque eleitoral. É claro que soberania é um tema importante. Mas soberania também se defende com seriedade, com diálogo, com estratégia e com resultado. O Brasil precisa proteger seus interesses sem cair na gritaria. Esse é o papel que a CRE quer cumprir: ouvir os setores, abrir canais, buscar caminhos e evitar que uma questão comercial vire apenas mais um capítulo da polarização.



A relação entre Brasil e Estados Unidos não pode ser tratada como palanque eleitoral. É claro que soberania é um tema importante. Mas soberania também se defende com seriedade, com diálogo, com estratégia e com resultado”

EXPORTAÇÕES

Safra de grãos deve bater recorde

» PEDRO JOSÉ*

A safra brasileira de grãos 2025/26 deve atingir um novo recorde de produção, com estimativa de 358,6 milhões de toneladas, segundo o 9º Levantamento da Safra de Grãos 2025/26, divulgado ontem pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). O volume representa crescimento de 1,8% em relação ao ciclo anterior, equivalente a um acréscimo de 6,4 milhões de toneladas.

O resultado é impulsionado principalmente pela ampliação da área cultivada, que deve alcançar 83,5 milhões de hectares, além das condições climáticas favoráveis registradas em diversas regiões produtoras. A produtividade média nacional está estimada em 4.295 quilos por hectare.

A soja deve atingir 180,3 milhões de toneladas e registrar um aumento de 8,8 milhões de toneladas em comparação à safra anterior. O desempenho é atribuído ao crescimento da área plantada, ao uso intensivo de tecnologia no campo e às boas condições climáticas observadas ao longo do ciclo produtivo.

Outro destaque é o milho, com produção total projetada em 140,5 milhões de toneladas. A primeira safra alcançou um novo recorde histórico de produtividade, com rendimento médio de 7.110 quilos por hectare.

Consumo chinês

Apesar do cenário de recorde na produção brasileira, projeções internacionais indicam que o setor agropecuário deverá acompanhar com atenção as mudanças no perfil de consumo da China, principal destino das exportações nacionais de soja e um dos maiores compradores de proteína animal do Brasil.

Segundo o relatório *China's Food Future*, elaborado pela consultoria global Systemiq, o país asiático poderá reduzir em 25% suas importações de soja até 2030, o equivalente a 23,5 milhões de toneladas. Em 2040, a queda poderá chegar a

358,6

milhões de toneladas de grãos devem ser produzidas na safra de 2025/2026, segundo levantamento da Conab

30%. O estudo também projeta uma transformação no consumo de proteínas, com participação crescente de proteínas alternativas, que poderão responder por até 55% da demanda doméstica chinesa.

O movimento chama atenção porque mais de 60% da soja importada pela China tem origem no Brasil. Além disso, cerca de 40% da carne bovina consumida pelos chineses é fornecida por frigoríficos brasileiros. Aproximadamente 71% das exportações nacionais de soja e 54% das vendas externas de carne bovina têm como destino o mercado chinês.

Para o economista e professor da Universidade de Brasília (UnB), César Berço, a estratégia chinesa faz parte de uma política de redução de riscos e diversificação de fornecedores, mas a dependência entre os dois países ainda é significativa.

“Esse mercado mundial de alimentos é um grande xadrez. A China é um importante elo da cadeia produtiva brasileira, sobretudo em função da demanda chinesa. Ao mesmo tempo, também é difícil para os chineses ampliarem rapidamente sua própria produção de soja e carne para substituir essas importações”, afirma.

Na avaliação do especialista, mesmo diante de uma eventual redução das compras chinesas, o Brasil possui alternativas, como o aumento do consumo interno da soja voltada à fabricação de biodiesel e à produção de proteína animal, além da busca de novos mercados no exterior.

*Estagiário sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

DIÁRIOS ASSOCIADOS

3º MAIOR PRODUTOR DE CONTEÚDO JORNALÍSTICO DO BRASIL

Com presença digital e alcance nacional, os **Diários Associados** ocupam a **3ª posição** no ranking **Comscore News Information de abril/26***, atrás apenas de Globo Notícias e MSN e à frente de grandes grupos de mídia do país.

DA

DIÁRIOS ASSOCIADOS | **CORREIO BRAZILIENSE**

Fonte: Comscore My Metrix Digital (Desktop & Mobile) — Categoria News/Information, Total Audience — Usuários Únicos — Abril/2026 — Brasil.